



VACINAS BRASILEIRAS PARA ANGOLA: A EPIDEMIA DE FEBRE AMARELA EM LUANDA, 1971

Ewerton Luiz Figueiredo Moura da Silva

Pesquisador em estágio pós-doutoral – Departamento de História (FFLCH/USP),
ewertonfigueiredo@alumni.usp.br

Resumo

No verão de 1971, quando a guerra pela independência em Angola completava dez anos, irrompeu em Luanda uma grave epidemia de febre amarela, transmitida pelo mosquito *Aedes aegypti*. Um grande depósito de pneus, mantido pelo Exército português na periferia da cidade, foi o principal foco de proliferação dos mosquitos. A vacina contra a febre amarela era a maior arma contra a doença, mas não era produzida em Portugal. Desde 1949, o Laboratório de vacina contra a febre amarela – instalado nos terrenos do Instituto Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro – enviava doses do imunizante para o Instituto de Medicina Tropical de Lisboa, a fim de que fossem aplicadas nos colonos portugueses que partiam para o continente africano. A partir de 1961, com o início da guerra em África, o imunizante tornou-se cada vez mais necessário para a proteção das tropas enviadas para Angola, onde a febre amarela era endêmica. Em janeiro de 1971, os primeiros casos da doença foram reportados no Hospital de Doenças Infecciosas em Luanda, em poucos meses foram hospitalizados 182 pacientes e 58 mortes foram registradas. Para fazer frente à epidemia, as autoridades de saúde procuraram ampliar a cobertura vacinal. Neste ponto, os acordos com o Brasil foram fundamentais, pois o país enviou 3.900.000 doses da vacina. Esta comunicação, por meio da análise de fontes primárias – especialmente jornais e correspondências consulares –, busca compreender a epidemia em Luanda como uma oportunidade para projetar alguma influência brasileira no continente africano por meio da cooperação sanitária com Portugal.

Palavras-chave: Epidemia; febre amarela; Angola; vacinas; Brasil; Portugal

Abstract

In the summer of 1971, ten years after Angola's war for independence, a severe yellow fever epidemic, transmitted by the *Aedes aegypti* mosquito, broke out in Luanda. A large tire depot maintained by the Portuguese Army on the outskirts of the city the main breeding ground for the mosquitoes. The yellow fever vaccine was the most important weapon against the disease, but it was not produced in Portugal. Since 1949, the Yellow Fever Vaccine Laboratory – located on the grounds of the Oswaldo Cruz Institute in Rio de Janeiro – had been sending doses of the vaccine to the Institute of Tropical Medicine in Lisbon for use on Portuguese settlers departing for the African continent. Beginning in 1961, with the outbreak of war in Africa, the vaccine became increasingly necessary to protect troops sent to Angola, where yellow fever was endemic. In January 1971, the first cases of the disease were reported at the Infectious Diseases Hospital of Luanda. Within a few months, 182 patients were hospitalized and 58 deaths were recorded. To

combat the epidemic, health authorities sought to expand vaccination coverage. Agreements with Brazil were crucial here, as the country sent 3,900,000 doses of the vaccine. This report, through an analysis of primary sources – especially newspapers and consular correspondence – seeks to understand the epidemic in Luanda as an opportunity to project some Brazilian influence on the African continent through health cooperation with Portugal.

Keywords: Epidemic; yellow fever; Angola; vaccines; Brazil; Portugal

Agradecimentos

Pesquisa realizada com o apoio da FAPESP (Processo nº 2023/04027-2, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).

Referências

Alves, T.J. (2023). *A guerra fria lusófona. O Brasil e o colonialismo português em Angola e Moçambique (1961-1974)*. Curitiba, PR: Editora Appris.

Azevedo, J.F. (1952). Relatório sobre as atividades do Instituto de Medicina Tropical em 1951. *Anais do Instituto de Medicina Tropical*, 9 (1), 295-323.

Benchimol, J.L. (Eds.). (2001). *Febre amarela: a doença e a vacina, uma história inacabada*. Rio de Janeiro, RJ: Fiocruz.

Carvalho, T. (2014). O Brasil e o fim do império português. In: M.B. Jerónimo & A.C. Pinto (Org.), *Portugal e o fim do colonialismo. Dimensões internacionais*. Lisboa: Edições 70.

Castelo, C. (2007). *Passagens para África: o povoamento de Angola e Moçambique com naturais da metrópole (1920-1974)*. Lisboa: Edições Afrontamento.

Cervo, A. L. (2012). *A parceira inconclusa. As relações entre Brasil e Portugal*. Belo Horizonte, MG: Fino Traço.

Gonçalves, W.S. (2003). *O realismo da fraternidade: Brasil-Portugal*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

Lins, Á. (1960). *Missão em Portugal*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.

Löwy, L. (2006). *Vírus. mosquitos e modernidade. A febre amarela no Brasil entre ciência e política*. Rio de Janeiro, RJ: Fiocruz.

Pinto, M.R., Filipe, A.R. (1972). The yellow fever epidemic in Luanda in 1971. *Bulletin de la Société de Pathologie Exotique*, 64 (5), 708-710.

Silva, E.L.F.M. (2024). A participação portuguesa nos Sétimos Congressos Internacionais de Medicina Tropical e Malária em 1963: a defesa da política ultramarina portuguesa em tempos de descolonização. *Anais do Instituto de Medicina Tropical*, 23 (1), 108-119. Recuperado de <https://anaisihmt.com/index.php/ihmt/article/view/483>.
